

Um mural camoniano projectado para a Biblioteca Geral por Rui Preto Pacheco

A. E. Maia do Amaral

Depois da série de artigos publicados nestas páginas sobre os murais da Cidade Universitária, pareceu-nos quase obrigatório levantar o véu sobre uma projectada obra de *afresco* que, aparentemente, está perdida.

Até agora, apenas se sabia que Preto Pacheco, pintor e ilustrador portuense, sobretudo conhecido como retratista, tinha celebrado, em 18 de Novembro de 1955, contrato com a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) para a execução de dois frescos destinados às escadarias da Biblioteca Geral. Nas memórias do seu reitorado, Maximino Correia refere-se a este assunto, em 1955:

“Para a decoração do edifício já se dispenderam 74 contos no estudo de pinturas a fresco que hão-de ornamentar a sala que dá acesso ao compartimento destinado à catalogação. (...) Pensa-se também em decorar, embora com sobriedade, como o ambiente severo o requer, o tecto da Biblioteca de S. Pedro” (Correia 1963, p. 85).

Dois anos depois, comenta o falhanço do projecto, em termos (propositadamente?) ambíguos:

“Um facto a assinalar (...) foi terem sustado as decorações que se projectavam. Quer os frescos por sobre as escadarias, quer a decoração em que se pensou para a Biblioteca de S. Pedro, não tiveram andamento. Razões poderosas devem ter influído e aguardamos que as esferas superiores resolvam o assunto pelo melhor” (Correia 1963, p. 98).

O Doutor Nuno Rosmaninho intuiu daqui, e com muito provável acerto, que *“a culpa parece caber unicamente ao pintor que não cumpriu o contrato, apesar de ter recebido as duas primeiras prestações”* (Rosmaninho 2006, p. 281).

Novos documentos acabam de emergir, e que nos podem ajudar a compreender este “mistério dos painéis”. Na Secção de Manuscritos da Biblioteca Geral integrámos recentemente uma pastinha com dois cadernos e desenhos soltos da autoria de Rui Fernando de Arteaga Preto Pacheco (1922-1989). O maior dos cadernos abre com o título *“Apontamentos de ideias para o painel / de Camões destinado à escadaria nobre*

/ da Biblioteca Geral da Cidade Universitária de Coimbra / (3, 60m x 4 m) Dezembro de 1955” e, com efeito, grande parte dos desenhos nesse caderno têm a ver com uma composição de tema camoniano: pormenores do Poeta, representado em pé, um anjo coroando-o de louros, entre duas figuras de pedra sobre plintos, alegorias da Experiência (à esquerda, em jovem figura feminina) e do Estudo (à direita, em idosa figura masculina) e ainda as figuras de Vasco da Gama e do Adamastor.

Estes documentos confirmam que os trabalhos contratados com a CAPOCUC começaram a ser planeados nesse mesmo ano de 1955 (data do início do caderno), que foram efectivamente pensados para a técnica do *afresco*, e que o programa se teria alterado radicalmente: no contrato, os temas eram definidos como *O Livro* e *As Letras*, mas os papéis de Preto Pacheco referem-se a um painel de *Camões* e a outro de *D. João I*. Todos os esboços existentes na BGUC têm a ver com estes últimos temas (dois, de grande formato, estão datados de Setembro de 1956) e, pelo menos, o painel de *Camões* parece que começou a ser executado. Com efeito, no caderno pequeno, conserva-se uma minuta de carta, sem data, dirigida ao Senhor Conde de Campo Bello (D. Henrique Leite Pereira de Paiva Távora e Cernache) patrono do artista, onde pode ler-se:

“Há dias que a minha actividade decorre sobre andaimes / tenebrosos, no alto dos quais / estou agora a desenhar o tenebroso / Adamastor. (...) O trabalho, sempre com a / graça de Deus, apesar de novo / para mim, vai saindo feliz. / Os estudos, que afinal tive de terminar em Lisboa, mereceram uma / aprovação particularmente lisonjeira do Ministro – e creio / que muitas mais coisas terei / de fazer para a Cidade Universitária, logo que comecem a construir-se os restantes edifícios. / De qualquer maneira, vejo / com satisfação crescer a[sic] volta / dos meus painéis o interesse / dos Todos-poderosos [sic] tanto do / Estado como da Universidade. Isto representa para mim um incentivo enorme...”

À mesma pasta juntaram 5 cartas, por abrir, endereçadas à Biblioteca, em nome de Rui Preto Pacheco, e com carimbos de correio entre 6 de Fevereiro e 10 de Abril de 1957. Parece-nos que elas constituirão o *terminus ante quem* para o abandono da obra e de Coimbra pelo artista: antes de 7 ou 8 de Fevereiro de 1957, data da provável chegada da primeira desta correspondência à BGUC. Isto confirma o que escreve Nuno Rosmaninho que o contrato “foi sucessivamente prorrogado para 28 de Fevereiro e 15 de Dezembro de 1957, mas os ofícios enviados pela CAPOCUC para os diversos endereços de Rui Preto Pacheco foram devolvidos pelo correio por ausência do destinatário” (Rosmaninho 2002, p. 744).

Que terá acontecido para se ter assim “sustido” a obra tão precipitadamente?

O estado de espírito que o terá levado a abandonar o trabalho pode estar patente neste apontamento, que lemos num papel solto:

“A obra de arte requiere concentração exclusiva. / A concentração exclusiva exige um clima próprio. / Esse clima existe apenas no espírito que cria a / obra. / O espírito do artista é, pois, o único soberano -- / -- e é-lhe legítimo desinvencilhar-se de tudo / e de todos os que representem perigo de anular / ou restringir a sua autoridade absoluta / nos domínios da sua soberania.” (sublinhados no original)

Nunca antes tínhamos visto tão claro e escrito testemunho da ingerência do CAPOCUC na produção dos artistas envolvidos nas obras da Cidade Universitária. Mais do que epígrafe à “normal” megalomania artística, este apontamento fica quase como um epitáfio à efémera passagem do pintor pela Biblioteca Geral. Mas, tudo permanece muito misterioso em Preto Pacheco: a sua aparente capacidade de mudar os temas contratados, o facto de após a fuga de Coimbra não ter deixado de retratar notáveis do regime e de, apenas 5 anos depois, estar a fazer selos para a Casa da Moeda e a ser editado pela Agência Geral do Ultramar. Explicações podem, porventura, encontrar-se dentro daqueles sobrescritos que por respeito se conservaram fechados e que também nós ainda não tivemos a ousadia de abrir.

Bibliografia:

CORREIA, Maximino

1963 *Ao serviço da Universidade de Coimbra : 1939-1960.*
[Coimbra] : Por Ordem da Universidade, 1963 (Acta Universitatis
Conimbrigensis)

ROSMANINHO, Nuno

2002 *O poder da arte : o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra .*
2 vols., Tese de Doutoramento em História Contemporânea apresentada
à Faculdade de Letras da Univ. Coimbra, 2002. Com versão em CD-rom

ROSMANINHO, Nuno

2006 *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra.*
Coimbra : Imprensa da Universidade, cop. 2006